



O MOVIMENTO SOCIAL AMBIENTALISTA E A EMERGÊNCIA DE UMA ÉTICA SUSTENTÁVEL¹

SOUZA, Vitor Ferreira de²

RESUMO

A degradação do meio urbano se intensificou nas últimas décadas nas cidades brasileiras, sendo um dos principais problemas que a sociedade civil enfrenta para garantir seus direitos protegidos pela Constituição brasileira. Neste contexto, os movimentos sociais urbanos emergem como uma possibilidade da sociedade reivindicar pelos seus direitos e entre a diversidade de movimentos sociais urbanos, o movimento ambientalista é um dos mais expressivos neste início de século e suas reivindicações abrangem temas diferenciados, entre eles o consumo, ética e hábitos alimentares. O presente artigo objetiva explorar as principais características dos movimentos sociais ambientalistas e quais são seus discursos e sua luta, além de conceituar os movimentos sociais e realizar um diálogo entre a ética, hábitos alimentares e movimentos ambientalistas, que a nosso ver estão articulados. A confecção do trabalho foi possível graças a um levantamento bibliográfico sobre o tema movimentos sociais e também de autores que exploram a ética e hábitos alimentares em suas pesquisas, dando foco na produção do espaço urbano e nos impactos que a conduta ética e de nossos hábitos alimentares provocam na sociedade.

Palavras-Chave: Movimento social ambientalista; Ética; Hábitos alimentares; Produção do espaço urbano.

RESUMEN

La degradación del medio ambiente urbano se ha intensificado en las últimas décadas en las ciudades brasileñas, siendo uno de los principales problemas que enfrenta la sociedad civil para asegurar sus derechos protegidos por la Constitución brasileña. En este contexto, los movimientos sociales urbanos surgen como una sociedad reivindicar posibilidad de que sus derechos y de la diversidad entre los movimientos sociales urbanos, el movimiento ambientalista es uno de los más importantes de lo comienzo de este siglo y sus reivindicaciones abarcan diversos temas, incluyendo el consumo, la ética y los hábitos alimentarios. Este artículo tiene como objetivo explorar las principales características de los movimientos sociales y ambientalistas cuales son sus discursos y su lucha, así como la conceptualización de los movimientos sociales y llevar a cabo un diálogo entre la ética,

¹ EIXO TEMÁTICO: Movimentos Sociais Urbanos

² Graduando em Geografia pela UEL – Universidade Estadual de Londrina



hábitos alimentarios y los movimientos ambientalistas, lo que a nuestro juicio se articulan. La realización de la obra ha sido posible gracias a la literatura sobre el tema de los movimientos sociales y también autores que exploran la ética y los hábitos alimentarios en sus investigaciones, para concentrarse en la producción del espacio urbano y el impacto que la conducta ética y nuestros hábitos alimenticios causar en la sociedad.

Palabras-clave: Movimiento social ambientalista; Ética, Hábitos alimentarios, Producción del espacio urbano.

1. INTRODUÇÃO

Os problemas ambientais enfrentados pela sociedade civil são um dos principais temas estudados pelos pesquisadores acerca do meio ambiente e da relação do homem com a natureza. Os estudos sobre a problemática ambiental centram-se em diversas perspectivas de análises, entre elas a do consumo, do capitalismo, da conscientização, dos modos de vida, dos meios tecnológicos, etc.

Entre a diversidade do direcionamento das pesquisas em relação ao meio ambiente, temos discussões profícuas em torno da ética e da alimentação, que atualmente buscam uma nova perspectiva de conscientização do homem frente aos problemas ambientais e também da necessidade de superarmos a ética que direciona nossas ações, que é restrita aos seres humanos, devendo ser estendida também para os animais e para o meio ambiente, para dessa forma desenvolver uma ética sustentável.

Dentro deste contexto, os movimentos ambientalistas surgem como possibilidade de reivindicar e lutar pela preservação ambiental, por uma nova conscientização ambiental, novos hábitos alimentares e uma nova ética que guia nossas ações e que se estenda para os direitos dos animais e para o meio ambiente.

Os movimentos ambientalistas surgem como possibilidade de certos grupos sociais reivindicarem mudanças frente ao modelo de relação do homem com a natureza, sendo necessário compreender as suas ações, os atores neste processo, os discursos e a produção do espaço urbano.

A necessidade da ciência geográfica de compreender essas manifestações se dá pela “[...] influência desses atores no processo de produção do espaço” (SOUZA, 2008, p.60), cujas manifestações em relação ao espaço urbano dos movimentos sociais ainda vêm sendo estudada de forma moderada pelos geógrafos. Para Marcelo Lopes de Souza (2008), geógrafo



que tem se dedicado aos estudos urbanos, os movimentos sociais urbanos reproduzem o espaço urbano, assim como as ações do Estado e da sociedade civil.

Em relação aos estudos dos movimentos sociais rurais, esses são mais comuns nos estudos geográficos e o seu foco está “[...] no desenvolvimento de análises sobre os impactos das relações trabalhistas e a luta pela terra a partir da análise das territorialidades desses atores sociais” (SOUZA, 2008, p.60).

Neste contexto, o presente artigo objetiva sinteticamente expor as principais características dos movimentos sociais ambientalistas em prol de novos hábitos alimentares e uma nova perspectiva de relação do homem com o meio ambiente, que coloca em xeque a ética que nos conduz atualmente. A confecção do artigo só foi possível graças aos levantamentos bibliográficos de pesquisadores que se dedicam aos estudos dos movimentos sociais e também daqueles que se preocupam com os fundamentos da ética e da moral.

Compreendemos que há a necessidade de discutirmos atualmente o papel dos movimentos sociais ambientalistas, os pilares que sustentam os valores morais e da ética da sociedade ocidental e uma reflexão acerca dos nossos hábitos alimentares que se “[...] faz necessário tendo em vista uma análise acerca das consequências destes hábitos sobre o meio ambiente, e também sobre a vida de outros seres humanos e também dos animais” (OLIVEIRA, 2009, p.883) em consonância com as reivindicações dos movimentos ambientalistas.

2. OS MOVIMENTOS SOCIAIS: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Os estudos dos movimentos sociais se intensificaram e com eles também a diversidade dos movimentos, que hoje em dia são muitos e por vezes com interesses divergentes. Borja (1975), Touraine (1969, 1994), Castells (1999) deram contribuições profícuas a respeito da definição dos movimentos sociais, seu surgimento, as suas manifestações e compreendem que a gênese de um movimento se remete ao fato da necessidade de reivindicar algo que afeta o coletivo negativamente.

Em relação aos pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo dos movimentos sociais, sua gênese e manifestação a Gohn (1997, 1979, 1982, 1988) é uma das expoentes em relação a este tema, cujos trabalhos expõem as principais correntes que estudam os movimentos sociais, as suas perspectivas e tendências, além de identificar os principais



movimentos sociais do Brasil e da América Latina. Um dos seus livros que expõe mais esta temática é “teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos”, além de sua dissertação de mestrado com o título “Classes populares, periferia e movimentos sociais urbanos: o movimento das sociedades amigas de bairros em São Paulo”.

No caso da América Latina, os movimentos sociais possuem relações diretas com as ditaduras instauradas no regime dos países, porém a sua intensificação só se dá apenas no início dos anos de 1990 (DOIMO, 1995).

Os movimentos sociais estão associados com os anseios da sociedade civil frente aos problemas que elas encontram, com isso se articulam e formam organizações para elas poderem ser ouvidas e para estes movimentos representarem as suas reivindicações, sinteticamente, os movimentos sociais procuram minar o *status quo* (SANTOS, 2008).

Para Touraine (1994, p. 254), um dos autores clássicos em relação aos estudos dos movimentos sociais, define seu surgimento quanto “um ator coletivo cuja orientação maior é a defesa do sujeito, a luta pelos direitos e a dignidade dos trabalhadores”. Para o autor os movimentos são efêmeros, já que a tendência é acabar quando as reivindicações são contempladas.

Os movimentos sociais possuem muitas maneiras de reivindicar e “[...] adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas” (GOHN, 2011, p.335).

Os Movimentos sociais urbanos “[...] passam a ter uma participação mais ativa no debate sobre o direito à cidade a partir da influência da conjuntura política evidenciada no país em meados dos anos de 1970” (SOUZA, 2008, p. 66): De fato, esta conjuntura subsidiou a criação de movimentos questionadores dos processos de produção do espaço urbano, especialmente no que diz respeito a lutas urbanas de favorecimento social sobre as principais emendas espaciais: infraestrutura, equipamentos urbanos de uso público de um modo geral etc. (SOUZA, 2008 p. 66).

Após o período de 1970, os movimentos sociais urbanos ganharam novas perspectivas. Os temas não se centram mais apenas nos problemas de infraestrutura, de equipamentos coletivos e moradia, mas também questões ambientais, de raça, sexualidade, entre outros. Assim os movimentos lutam [...] por interesses comuns no espaço urbano ao construir o território de relações territoriais de poder (SOUZA, 2008 p.75).



Na América Latina no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 os “[...] movimentos sociais populares articulados por grupos de oposição aos regimes militares, especialmente pelos movimentos de base cristãos, sob a inspiração da teologia da libertação” (GOHN, 2011, p.342).

No fim dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990, o cenário sociopolítico transformou-se de maneira radical. Inicialmente, houve declínio das manifestações de rua, que conferiam visibilidade aos movimentos populares nas cidades. Alguns analistas diagnosticaram que eles estavam em crise, porque haviam perdido seu alvo e inimigo principal: os regimes militares. Em realidade, as causas da desmobilização são várias. O fato inegável é que os movimentos sociais dos anos 1970/1980, no Brasil, contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais, que foram inscritos em leis na nova Constituição Federal de 1988 (GOHN, 2011, p.342).

O cenário de desenvolvimento econômico brasileiro pós Segunda Guerra Mundial fez com que as cidades brasileiras apresentassem problemas ambientais urbanos de diversas magnitudes. Nesse contexto, os movimentos ambientalistas surgem como possibilidade da sociedade civil em reivindicar principalmente as melhorias dos ambientes urbanos, além de alertar sobre os males do desenvolvimentismo.

Esta crise advém de contextos marcados com opções políticas e socialistas, preocupados com o desenvolvimento e expansão de suas fronteiras, sem contar com as fortalezas e as fragilidades das chamadas estruturas básicas de sobrevivência planetária, como o clima, a água, a biodiversidade, os recursos naturais não renováveis e a capacidade de suporte da natureza (SIQUEIRA, 2009, p.14).

Além dos movimentos ambientalistas, as Organizações Não Governamentais também desempenham muitas vezes papéis semelhantes, tanto elas como aquelas vêm “[...] se apresentando no cenário brasileiro como alternativas de exercício de cidadania e como atores políticos necessários para se alcançar o desenvolvimento sustentável, aquele que promoveria a um só tempo justiça social e equilíbrio ambiental.” (HERCULANO, 2000, P.123). A articulação entre as ONGs e os movimentos sociais, principalmente aqueles ligados à questão ambiental é positivo no sentido da maior repercussão que se tem. Muitas vezes, os movimentos sociais se confundem com a ação das ONGs, o Fórum das ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento definem os dois como sendo:



"[...] espaços públicos por fora da esfera do Estado, responsáveis pela instituição de novos valores, normas e padrões de comportamento que questionam profundamente o atual modelo de desenvolvimento [...] são hoje, talvez, os atores potencialmente mais capazes de romper com a lógica individualista e predatória". (GALTUNG, 1992 apud HERCULANO, 2000, p. 128).

Souza (2008 p.4) compreende que a atuação das ONGs e dos movimentos sociais são diferenciadas “[...] ao contrário das ONGs, os Movimentos Sociais Urbanos sustentam sua atuação através de articulações internas preocupando-se com a sociedade e interferindo na dinâmica urbana através da produção dos espaços”. Porém muitas vezes as ONGs “[...] passam a realizar funções tradicionalmente desenvolvidas pelos movimentos” (SOUZA, 2008, p.70), como por exemplo, ações das ONGs ambientalistas da Greenpeace e da World Wide Fund for Nature (WWF).

O panorama geral dos movimentos sociais foi descrito pela pesquisadora Gohn (1997), em seu livro “teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos”, que classifica os movimentos sociais ambientalistas como sendo institucionalizado no período de 1985 a 1989, sendo classificados nos movimentos específicos, assim como o movimento negro, indígena, das mulheres, dos homossexuais, etc. Já em 1990 a 1997 a autora classifica o movimento ambientalista como um movimento internacional, ressaltando o surgimento do Greenpeace (1992-1997).

2.2 Por uma ética sustentável: o paradigma da ética no século XXI

Pergunte a qualquer um na massa de gente obscura: qual o propósito da existência das coisas? A resposta geral é que todas as coisas foram criadas para nosso auxílio e uso prático! [...] Em resumo, todo o cenário magnífico das coisas é diária e confiantemente visto como destinado, em última instância, à conveniência peculiar do gênero humano. Dessa forma, o grosso da espécie humana arrogantemente se eleva acima das inumeráveis existências que o cercam. (Toulmin, 1780, p. 51-52)

A sociedade civil atual ainda persiste numa conduta ética antropocêntrica que encara a natureza e os animais para o benefício do homem, para o seu consumo insaciável. O pacto entre a ética antropocêntrica do homem e a nossa sociedade de consumo expressa a falência de ambientes equilibrados e apropriação adequada da natureza e dos animais.

O que precisa ser discutido com urgência é a nossa mudança de conduta ética, que é antropocêntrica e ineficaz perante o equilíbrio da natureza. Antes de lutarmos contra a



degradação do ambiente teremos que lutar contra a nossa própria postura ética diante da natureza. O antropocentrismo pode ser descrito como:

[...] homem, com o conhecimento científico, pode dominar a natureza [...] Pensadores como Bacon e Descartes sinalizaram nessa linha. O progresso como lei da história se transforma no dogma da modernidade. O homem, baseado em seus conhecimentos científicos, construiria uma nova etapa de sua vida, totalmente sem misticismos, completamente iluminada, com benefícios incalculáveis para seu bem estar (AZEVEDO, 2010, p.2).

Como pode-se observar a ética antropocêntrica tem como característica o bem-estar dos homens. Diante disso, os homens podem usufruir das condições da natureza e dos animais para o seu bem. “Platão, Aristóteles, S. Agostinho, Maimônides, S. Tomás D’Aquino, Spinoza, Kant, Bentham, Hegel, dentre outros, intentaram fundamentar uma moral, desenvolver uma ética que valesse para todos os seres humanos” (AZEVEDO, 2010, p.3).

Há muito tempo se debate o antropocentrismo na ética, “[...], sobretudo com referência a seu teor negativo, à exclusão do que não é humano do campo dos objetos imediatos da responsabilidade” (GRONKE; LITTIG, 2001, p.20).

O filósofo grego Aristóteles foi uma dos pensadores que mais contribuíram para o significado de ética e moral da sociedade, e também o papel dos homens e dos outros seres vivos:

[...] as plantas existem por causa dos animais; segundo, que todos os animais existem em benefício do homem, os domesticados para o uso se pode fazer deles e pela comida que fornecem; quanto aos animais selvagens, embora nem todos sirvam como alimentos nem sejam úteis de outras maneiras, podem proporcionar roupas e ferramentas. Se, então, estamos certos em acreditar que a natureza nada faz sem uma finalidade, um propósito, ela deve ter feito todas as coisas especificamente em benefício do homem” (ARISTÓTELES, 2005, p. 156).

A reflexão de Aristóteles sobre o propósito de todos os seres vivos foi importante para configurar a definição de ética e moralidade da sociedade grega. Esta visão ganhará expressividade na Idade Média, cuja ética estava apoiada principalmente nos escritos bíblicos. “Sustentai-vos de tudo o que tem vida e movimento” (BÍBLIA, 1990 p.2-3). A teologia forneceria os pilares morais para o predomínio do homem sobre a natureza (THOMAS, 1996).

Em outras palavras, a ética vai além de um discurso de civilidade, ela abrange questões mais viscerais, dentre elas o meio ambiente. A ética representa a forma como



devemos viver nossas vidas e como nos portarmos diante da natureza, “[...] as normas éticas não apenas refletem o que somos, mas [...] como podemos ser (LYNN, 1998, p. 286)”.

Para Agnol (2004, p.16) a moral pode ser definida como “[...] o conjunto de costumes, modos de ser, regras, etc., que efetivamente guiam o comportamento humano em busca do bem”. Já a ética seria a “[...] reflexão filosófica sobre moralidade [...] justificção de nossas crenças morais” (DALI’AGNOL, 2004, p.16). Para os autores Gronke e Littig (2001, p.21-22) existem duas condições que o princípio moral deve cumprir. A primeira seria que “[...] sua formulação tem de ser tão aberta, e o alcance de sua validação tão amplo, que ela possa ser aplicada a situações-problema as mais diversas, e mesmo totalmente imprevisíveis”. A segunda estaria associada que ela deve ser “[...] expressiva o bastante para permitir por princípio sua transformação em normas contedísticas e direcionadoras de um comportamento concretamente ligado a situações suas atividades”.

O ser humano é um produto da natureza (ainda que hoje muitos não se apercebam disso!...). A vida humana estabeleceu-se em dois planos: no natural/ambiental e no social. Não pode haver vida humana – como a conhecemos e a queremos – em apenas um desses dois planos. Primeiro fomos seres animais e só depois seres sociais. E para criar sociedades e seus valores morais os seres humanos habilitaram-se a intervir e interferir no ambiente natural, desenvolveram tal capacidade. Contudo, este ambiente natural aqui já estava, foi-nos oferecido, não é produto de nossa criação, logo é ético mantê-lo, ainda que nele interfiramos. Não é moral destruir o que não criei e, portanto, não é meu [...] (AZEVEDO, 2010, p.7).

A ética ambiental procura compreender “quais os direitos e obrigações que temos quanto ao meio ambiente e os por quê?” (AZEVEDO, 2010, p.4). Para Azevedo (2010), especialista em saúde pública, ressalta que os avanços do conhecimento a respeito dos biomas podem influenciar nas atitudes e posições da ética ambiental. Para o autor há a necessidade de compreendermos a ética ambiental sem dissociar de sua fonte, a Filosofia Ambiental “[...] ramo da filosofia bastante desenvolvido entre os pensadores nórdicos (como Arne Naess [...] e que se incluía na tradição de pensamento ecológico-filosófico de Henry Thoreau, [...] anglo-saxões e americanos (como Tom Regan)” (AZEVEDO, 2010, p.4). O autor ressalta também pesquisadores como Peter Singer, um dos filósofos mais conhecidos atualmente que debate sobre a ética e a mudanças dos nossos hábitos em relação ao tratamento dos animais e do meio ambiente, Kenneth E. Goodpaster, e o brasileiro Leonardo Boff, ligado a teologia da libertação.



Diante desse embate sobre uma nova postura ética diante dos animais e da natureza é que se fundam muitos movimentos ambientalistas e aqueles já existentes ganham força, entre eles um dos mais expressivos, principalmente nas questões dos hábitos alimentares é o People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), porém as ONGs ligadas aos movimentos sociais ambientalistas não estão salvas de críticas, principalmente as transnacionais que “[...] desempenham um papel significativo nas novas arenas políticas. Elas se caracterizam por um alto grau de profissionalismo, perfeitamente comparável ao de corporações internacionais”, porém elas são criticadas, entre outros fatores por às vezes tirar a “atenção dispensada a grupos ecológicos locais e menores (GRONKE; LITTIG, 2001, p.16).

A crise ambiental que hoje se apresenta se encontra também na esperança de que as tecnologias iriam conseguir reverter o quadro de degradação ambiental, porém não foi concretizado, o que vemos é justamente ao contrário, as tecnologias sendo utilizadas em sua maioria para a degradação e esgotamento dos recursos naturais. Siqueira (2009, p.14) nos traz contribuições pertinentes a respeito da crise ambiental:

[...] o contexto da crise ambiental [...] se encontra refém do fascínio pela racionalidade técnica e operacional que, apesar de trazer enormes benefícios para a qualidade de vida e comunicação planetária entre as pessoas, tem gerado um enorme passivo ambiental que não consegue ser assimilado pela natureza em curto espaço de tempo.

Esse contexto de crise ambiental que nos deparamos reconfiguram “[...] as identidades sociais e as lutas sociais [...] a questão ambiental encontra-se intimamente associada à injustiça social (de âmbito local ou global) e à insustentabilidade, suscitando processos irreversíveis” (RUSCHEINSKY, 2007, p.88). Este contexto de crise, os movimentos sociais acabam tendo novas perspectivas, pois podem “[...] afetar ou modificar a cultura do consumo isto implica em consolidar um projeto de reconstrução que tende a ter liames com a esfera social, o econômico, o político e educativo. Desafios que na atualidade parecem fora do horizonte em tempos de crise de civilização” (RUSCHEINSKY, 2007, p.88).

Os hábitos alimentares são associados também com a preservação do meio ambiente, muitos autores apontam os malefícios que a alimentação do homem pode trazer não apenas para ele, mas também para o meio ambiente e para os animais.

As questões alimentares ganharam ênfase na filosofia moral, mais precisamente no início da década de 70, quando se presenciou o advento da



criação intensiva de animais para o consumo, o que levou muitos filósofos, biólogos e ambientalistas, a questionarem o sofrimento infringido aos animais nas modernas indústrias de carne, como também os grandiosos impactos ambientais advindos nas modernas de tal prática, juntamente com o desperdício de alimentos e a baixa quantidade de alimento de origem animal se comparado então com uma dieta vegetariana, cujas informações cada vez mais vêm apontando para um impacto ambiental consideravelmente menor e com uma produção maior de uma diversidade de alimentos. (OLIVEIRA, 2009, p.882).

O filósofo Singer (2004) em seu livro “libertação animal” nos apresenta os sofrimentos que os animais passam até ir para a mesa do consumidor. Porém, essa postura que os pesquisadores tomam como o filósofo Singer é encarado muitas vezes como unilateral e reducionistas. Além de evidenciar que o consumo da carne diminui a distribuição de alimentos para todos, pois a maior parte dos alimentos é para alimentar o gado e não os homens, “[...] a produção industrial de animais em cativeiro é necessária para alimentar a população crescente do planeta. A verdade, entretanto, é o oposto” (SINGER, 2007, p.251). Para Sônia, o consumo excessivo da carne é prejudicial, já que “[...] o mal causado é tal que parece aniquilar seu benefício” (SÔNIA, 2003, p.3).

“[...] primeiro quando lhes é subtraído o cereal para que os animais possam ser alimentados nas fábricas de carne, e quando esses animais mortos e transformados em carne são vendidos. Os que nada têm para comer, comem, obviamente, carne nenhuma” (SÔNIA, 2003, p.3).

Francione (2011) é um dos pesquisadores que contestam esse modo de encarar o consumo da carne e também dos animais, para o autor a luta pelos direitos dos animais esconde a real preocupação, que é o seu bem-estar e não os direitos deles.

Como se podem notar as reivindicações em torno dos movimentos ambientalistas estão apoiadas em filosofias que não apenas demonstram interesses com a ética, meio ambiente e a moral, mas também uma nova postura frente ao nosso modo de vida. Os assuntos tratados pelos movimentos vão desde as mais simples reivindicações, como por exemplo, o desmatamento e a preservação do meio ambiente, até aqueles mais complexos e delicados, que muitas vezes inibem as suas discussões na comunidade científica.



2.3 Os movimentos ambientalistas e a consciência ambiental

A dificuldade em delimitar o campo de ações dos movimentos ambientalistas, sem dúvida é consensual entre os autores. Além de suas múltiplas maneiras de reivindicarem direitos em prol do meio ambiente e dos animais, os movimentos ambientalistas fazem um alerta sobre a insustentabilidade da vida humana no Planeta Terra no ritmo em que se segue. Castells (1999, p.94) nos dá contribuições profícuas a esse respeito:

“[...] movimento ambientalista, provavelmente o maior e o mais influente de nosso tempo [...] pela dissonância criativa de suas múltiplas vozes, lança seu desafio à desordem ecológica global, ou seja, o risco de suicídio ecológico, provocado pelo desenvolvimento global desenfreado e pelo desencadeamento de forças tecnológicas sem precedentes, sem que sua sustentabilidade social e ambiental tenha sido avaliada”.

“Na pesquisa anglo-americana em ciências sociais, as atividades sociais e abordagens teóricas que se ocupam das relações entre os seres humanos e a natureza são denominadas de ambientalismo (environmentalism)” (GRONKE, H; LITTIG, 2001, p. 12).

Os autores Kriese e Giugni (1996 apud GRONKE; LITTIG, 2001, p.14-15) distinguem quatro correntes de movimentos sociais ecológicos (em alemão se utiliza ecológicos, ao invés de ambientalistas, assim como a pesquisadora brasileira Gohan):

- 1 – **Proteção ambiental tradicional:** “[...] que visa à proteção das espécies ou à instituição de áreas de proteção ambiental e que trabalha com os métodos tradicionais da formação de lobbies ou campanhas informativas”.
- 2 – **Ecologia política:** “[...] anseia por uma transformação social ampla e se orienta pela visão de uma sociedade descentralizada, igualitária e democrática, que se desenvolva em harmonia com a natureza. Um exemplo [...] é o movimento antinuclear”.
- 3 – **Proteção ambiental:** “[...] se realiza pragmaticamente através de campanhas políticas concretas ligadas a problemas ambientais (defesa dos recursos naturais, luta contra poluição do solo, da água e do ar, proteção contra poluição sonora, alimentação natural etc.) [...]”.
- 4 – **Ecologia global:** “[...] dimensionada no final dos anos 80 sob a forma de organizações ambientais transnacionais, em decorrência da globalização de problemas ambientais (buraco na camada de ozônio, efeito estufa, desmatamento de florestas etc.), e que marca presença nas arenas políticas internacionais [...]”.

“A expansão e difusão do saber ecológico, no entanto, é considerado apenas um dos fatores que concorreram para o surgimento dos movimentos ecológicos” (GRONKE, LITTIG, 2001, p.13). Para o autor, outros fatores contribuíram para o surgimento dos movimentos: as catástrofes ambientais, iniciativas de políticas ambientais por parte dos governos e “diversos



conflitos locais e regionais ligados ao meio ambiente (GRONKE; LITTIG, 2001, p.13)”. Um dos fatores que também não podemos negligenciar que teve grande impacto para o surgimento dos movimentos sociais ambientalistas é o consumo exagerado dos últimos anos, que sociólogos como Bauman (2001) alerta para os seus riscos e as consequências não apenas ambientais, mas também psicossociais.

O movimento ambientalista de contestação ao consumo ou de boicote em plena diversidade, contempla temas que possuem uma relevância entre os problemas decorrentes da modernidade, em que o consumo aparece entre as principais causas dos riscos ambientais (RUSCHEINKY, 2007, p.87-88).

Os autores Gronke e Littig (2001, p.14) ressaltam que “a crise ecológica global da atualidade resulta da falta de respeito da humanidade em face dos limites ecológicos e da ameaça do equilíbrio ecológico ocasionada por suas atividades”. O autor vai mais além e compreende que “isso põe em risco não apenas as condições de vida dos organismos não-humanos [...]. Com base nesse conhecimento, correntes ecológicas diversas tiram conclusões também diversas” (GRONKE; LITTIG, 2001, p.14).

Como pode-se notar, o quadro que se estabelece atualmente e que os pesquisadores alertam é de catastrofismo. Apesar de todas as críticas relacionadas à forma como a problemática ambiental esta sendo encarada, muitas vezes radical que também é expressa em ações de movimentos sociais ambientalistas e ONGs associadas a elas, como a Sea Shepherd, porém mudanças são necessárias. “No início as os conflitos eram pontuais e as exigências moderadas, agora ela parece alcançar a crítica ao sistema” (GRONKE; LITTIG, 2001, p.14), Boff (2012, p.1) possui considerações a esse respeito:

Não é uma bússola que aponta para o “futuro que queremos” mas para a direção de um abismo. Tal resultado pífio se tributa à crença quase religiosa de que a solução da atual crise sistêmica se encontra no veneno que a produziu: na economia. Não se trata da economia num sentido transcendental, como aquela instância, pouco importam os modos, que garante as bases materiais da vida. Mas da economia categorial, aquela realmente existente que, nos últimos tempos, deu um golpe a todas as demais instâncias (à política, à cultura e à ética) e se instalou, soberana, como o único motor que faz andar a sociedade. É a “Grande Transformação” que já em 1944 o economista húngaro-norteamericano Karl Polanyi denunciava vigorosamente. Este tipo de economia cobre todos os espaços da vida, se propõe acumular riqueza a mais não poder, tirando de todos os ecossistemas, até à sua exaustão, tudo o que seja comercializável e consumível, se regendo pela mais feroz competição. Esta lógica desequilibrou todas as relações para com a Terra e entre os seres humanos.



Esta lógica que Boff salienta, do desequilíbrio entre as relações dos seres humanos com o meio ambiente, provocado pela economia categorial é que se fundam as reivindicações dos movimentos ambientalistas já que “o que confere unidade aos movimentos ecológicos é a noção de que todos os organismos vivos – inclusive os seres humanos – têm de ser considerados em meio a relações de reciprocidade [...] com seu meio ambiente natural” (GRONKE; LITTIG, 2001, p.14).

[...] Faz-se necessário uma mudança de valores em prol de um mundo mais sustentável para as gerações presentes e futuras. Tudo indica que só sairemos da crise que estamos mergulhados se optarmos pelos caminhos da ética (SIQUEIRA, 2009, p.11).

3. REFLEXÕES FINAIS

Os movimentos sociais ambientalistas vão desde as reivindicações mais simples até aquelas mais extremas, cujos hábitos e comportamentos dos seres humanos enraizados e internalizados ao longo do tempo expressam a falência de uma ética sustentável.

Os movimentos ambientalistas em consonância com diversas ONGs ambientais vêm despertar a consciência ambiental dos seres humanos e semeiam uma nova forma de sustentação da vida no Planeta Terra. Por uma ética sustentável é que são guiadas as suas reivindicações e os seus anseios, que reflete o descontentamento de muitas pessoas do modelo que se estabeleceu nas sociedades entre a natureza, o homem e a economia.

Os movimentos ambientalistas muitas vezes estão mais voltados para as mudanças nas atitudes das pessoas do que na formulação de leis ambientais. Dessa forma, torna-se complexo compreender quais são as suas repercussões na sociedade, pois elas não estão apenas na produção dos espaços voltados para a sustentabilidade, mas também no próprio homem e essas marcas muitas vezes não são grafadas no espaço geográfico. Os seus objetivos são amplos e muitas vezes podem tirar o foco de quais são as principais reivindicações e mudanças mais emergentes.

A problemática ambiental vai além das consequências de nossas ações e isso vem sendo reforçado pelas reivindicações dos movimentos sociais ambientalistas e do foco nas pesquisas científicas, que são cada vez mais abrangentes. Essa abrangência também está associada na crise sistêmica do pensamento ocidental e de nossa sociedade como foi



evidenciado, isso provoca faz com que os estudos se tornem mais complexos e levem mais aspectos em conta.

A Geografia é uma importante área para compreender os aspectos ambientais, fundada na relação do Homem-Natureza, a ciência geográfica traz análises proveitosas sobre a problemática ambiental, que abrange as discussões de movimentos sociais ambientalistas e seus reflexos na produção do espaço e no homem. Tudo indica que neste século os movimentos ambientalistas serão um dos protagonistas no desafio de alcançar uma ética sustentável, cidades sustentáveis e uma sociedade bioticamente sensível.

RERERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Nova cultural, 2005.

AZEVEDO, F. A. de. Ainda uma vez a ética e a ética ambiental. **Revinter**, São Paulo, v.3, n.2, p. 2-9, mar/jun. 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BÍBLIA. Português, **Bíblia sagrada**. Trad. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, L. **O impossível pacto entre o lobo e o cordeiro**. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2012/07/09/o-impossivel-pacto-entre-o-lobo-e-o-cordeiro/>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

BORJA, J. **Movimientos sociales urbanos**. Buenos Aires: SIAP - Planteos, 1975.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DALL'AGNOL, D. **Bioética: princípios morais e aplicações**. Rio Janeiro: DP&A, 2004.

DOIMO, A. M. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1995.

FRANCIONE, G. **What Michael vick taught us**. Disponível em: <<http://www.abolitionistapproach.com/what-michael-vick-taught-us/#.UPaGPB20DkU>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

GALTUNG, J. **Meio ambiente e desenvolvimento: uma visão das ONGs e dos movimentos sociais brasileiros**. Rio de Janeiro: Fórum de ONGs brasileiras, 1992.



GOHN, M da G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Movimentos sociais populares: tendências e perspectivas.** São Paulo: ANSUR, 1988.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.16, n.47, p.333-512 maio/ago. 2011.

_____. **Classes populares, periferia e movimentos sociais urbanos: o movimento das sociedades amigos de bairros em São Paulo.** 1979. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

_____. **Revindicações populares urbanos.** São Paulo: Cortez, 1982.

GRONKE, H.; LITTIG, B. Problemas ambientais, ética e política ambientais: os riscos ecológicos como desafio para a ética do discurso. Trad. Paulo Astor Soethe. **Impulso.** Curitiba, n. 30, p. 11–30, jul. 2001.

HERCULANO, S. ONGs e Movimentos Sociais: a questão de novos sujeitos políticos para a sustentabilidade. In: ____ (Org.). **Meio Ambiente: questões conceituais.** Rio de Janeiro: Riocor-UFF/PGCA, 2000, v.1 p. 123-155.

KRIESE, H; GUIGNI, M. G. Ökologische Bewegungen im internationalen Vergleich. In: DIEKMANN, A; JÄGER, C. C. (Org). **Umweltsoziologie** Opladen: Westdeutscher Verlag, 1996.

LYNN, W. S. Animals, ethics and geography. In WOLCH, J; EMEL, J, **Animal geographies: Place, politics, and identity in the nature-culture borderlands.** London: Verso, 1998, p. 280-297.

OLIVEIRA, W. F. de. Ética, Alimentação e Meio Ambiente. **ANAP**, Tupã, São Paulo, p. 879-896, 2009.

RUSCHEINSKY, A. Consumo, prática social e movimentos sociais na sociedade complexa. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. p.74-90.

SANTOS, R. C. B. **Movimentos sociais urbanos no Brasil.** São Paulo: UNESP, 2008.

SIQUEIRA, J. C. de. **Ética socioambiental.** Rio de Janeiro: PUC, 2009.

SINGER, P. **Libertação Animal.** Trad. Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.

FELIPE, S. T. **Princípios éticos para uma justiça global.** Disponível em: <<http://www.vegetarianismo.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2013.



SOUZA, M. L. de . **Fobópole: O medo generalizado e a militarização da questão urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA JÚNIOR, X. S. de S. de. **A participação dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço de João Pessoa-PB.** 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

TOULMIN, G. H. **The antiquity and duration of the world.** 2º ed. London: Cadell, 1824.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade.** Trad. Elia Ferreira Edel. 7º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

_____, A. **Sociologia de la accion.** Trad. Manuel Castells et. al. Barcelona: Ariel, 1969.